

CAPÍTULO III

Trajetórias dos trabalhadores no mundo açucareiro: trabalho familiar

Eu nasci em Santo Amaro. Fui mole (recém-nascido) morar na usina Dom João. Meu pai Hermínio Arcanjo de Jesus trabalhava no porto com embarque de açúcar. Carregava o açúcar no ombro pra jogar no barco. Meu pai teve três filhos e todos trabalharam na usina. Meus irmãos Valdemar e Ana Alves de Jesus trabalharam. A gente começou como aprendiz depois passamos a motorista e auxiliar. Naquele tempo os filhos iam aprender na usina. Iam ajudar o pai na usina¹⁰⁶.

Eu fui morar com o meu avô Domingos de Assis. Meu avô trabalhava no campo, limpando cana na Dom João. Era limpando cana, esse negócios. E aí, eu comecei a trabalhar assim com uns nove a dez anos.

Eu comecei a trabalhar chamando boi. Sabe como é que se trabalha chamando boi? Chamar boi tem uma carreira de boi, então é aquele garoto que vai na frente guiando os boi. Então, eu comecei assim. Daí eu não queria mais chamar boi, então, até hoje eu tenho essa dor comigo: aí, o administrador mandou o feitor ir me fazer tomar banho a pulso. E ele me levou a força. Ele disse: 'vá tomar banho agora seu moleque safado'. Eu tive que ir porque eu não tinha mais ninguém por mim. Eu tinha mãe, mas eu fui criado com meu avô. Meu avô já tinha morrido. Eu não tinha pai. Eu tinha um pai de criação que mora ali embaixo (o pai de criação trabalhou para a usina Dom João), Albertino Laurindo dos Santos.

Quando foi um dia eu larguei de chamar boi, fui limpar cana. Peguei uma tarefa de cana num lugar por nome Macaco aqui em cima. Depois eu vim chamar boi novamente, mas já vim chamar boi na fazenda Dom João. Daí, quando eu larguei de chamar boi eu fui trabalhar com animal. Daí eu fiquei rapaz. Comecei a gostar lá de uma menina. Nessa época eu tinha uns 12 a 13 anos. Aí eu comecei a trabalhar lá. De lá eu arriei. Larguei. Fui trabalhar com animal. Tirar cana pro animal. E depois de tirar cana, de tirar semente, de apanhar semente, trabalhei de encher de encher caminhão, cavar coveta, fazer cerca. Mas, até que tal dia Deus abriu uma porta. Como eu lhe falei que eu trabalhei na linha férrea. Ai, eu tinha um cumprade que trabalhava na linha ferro. Ai, um tal dia, ele viajou. Teve que viajar. Ia levar uns quatro dias de viagem.

¹⁰⁶ Depoimento de Antonio de Jesus. Santo Amaro, Bahia, 14 de abril de 2004.

Mas o serviço tava tão apertado que pra ele sair tinha que botar uma pessoa no lugar dele. Aí, me mandou eu ir. Eu fui. Trabalhei esses quatro dias. Aí, o mestre de linha, o feitor de cabo, de forma gostaram de minha maneira de trabalhar. Ai eu saí. Quando ele chegou, eu saí e fui me embora. Aí disseram: “Qualquer coisa eu mando te chamar”. Aí, com oito dias mandaram me chamar. Oito dias foi esse que eu trabalhei 11 anos, até quando ela (a usina) fechou. Quando ela fechou eu já era cabo de turma¹⁰⁷.

Os extensos depoimentos acima permitem conhecer parte da trajetória de alguns trabalhadores da Usina Dom João, desde o deslocamento familiar em direção à unidade agrícola, até aspectos como a inserção do trabalho infantil, as condições de trabalho e a mobilidade – às vezes ascendente - a outras funções. Muitos trabalhadores nasceram na Usina, ou migraram, ainda crianças, juntamente com suas famílias, para a mesma. Portanto, existiam grupos familiares estabelecidos na Usina há algum tempo. Muitos eram filhos ou netos de trabalhadores, ou seja, estavam ligados por laços de parentesco. E, desta forma, enraizados ao solo. A maioria foi inserida, desde a infância ou adolescência, no mundo do trabalho açucareiro através dos pais ou parentes, cumprades, conhecidos e amigos. Neste capítulo, vamos conhecer um pouco mais as trajetórias sociais desses trabalhadores, em direção à Usina e no interior desta, bem como suas vivências no processo de plantio da cana até a produção do açúcar.

A utilização da mão-de-obra familiar era comum na Usina. Todos os ex-trabalhadores entrevistados, com exceção de um caso¹⁰⁸, foram filhos ou netos de

¹⁰⁷ Depoimento de Germínio Barbosa. São Francisco do Conde, Bahia, 24 de janeiro de 2006.

¹⁰⁸ Trata-se de Ângelo Gomes de Souza. Nasceu na cidade de Santa Terezinha, interior da Bahia em 1922. Era filho caçula de uma família de cinco irmãos. Seu pai era um comerciante. Possuía um armazém que comercializava gêneros alimentícios. Aos 18 anos Ângelo decide sair de casa, alegando seu interesse em estudar. Longe da família começa a trabalhar como caixeiro numa rede de lojas de eletrodomésticos localizada em Santo Estevam. Aos 20 anos, convidado por um colega começa a trabalhar na usina Cinco Rios. Na Usina Cinco Rios começa a fazer o trabalho pesado do campo, limpando cana, fazendo todo tipo de serviço. Com o tempo passa a ser balancista. Depois da experiência adquirida na Usina Cinco Rios, Ângelo migra para a usina Santa Elisa, localizada em Santo Amaro passando a trabalhar como balancista geral. Da Santa Elisa vai trabalhar num Engenho D'água, localizado em São Francisco do Conde. Aos 32 anos começou a trabalhar para a usina Dom João. Inicia sua trajetória na Usina Dom João na função de feitor de uma das propriedades na usina, a Fazenda Gurgainha durante dois anos e finalmente é promovido a função de administrador.

homens e mulheres que trabalharam para a Usina Dom João. A maioria eram parentes consangüíneos, mas, havia aqueles que eram genros e cunhados. Analisando conjuntamente os depoimentos com as Folhas de Registro de Empregados¹⁰⁹ da Usina, foi possível identificar gerações de famílias trabalhando juntas na Usina Dom João.


Manoel Ezequiel do Amaral, administrador geral, começou a trabalhar para a Usina em 1922 na função de balancista. O balancista era responsável pelo controle da pesagem da cana. Com o tempo passou a administrador de campo, numa das propriedades da Usina. Posteriormente, conquistou ainda mais a confiança e simpatia do coronel Rodolpho Tourinho e foi promovido à administrador geral, função muito valorizada e respeitada.. Na ficha de registro de Manoel Amaral consta, como ano de admissão, 1942, já com a função d administrador geral. Isso indica que obteve registro na empresa quando passou a exercer a função de administrador.

¹⁰⁹ Livro de Registro de Empregados, Sociedade Agrícola Tourinho, Usina Dom João, 1935-1969.

Figura 13. Ficha de registro de Manoel Ezequiel do Amaral, administrador geral. Usina Dom João (1942).

Salvador de Bahia

REGISTRO DE EMPREGADOS

 N.º de Ordem 156 N.º da Carteira Profissional 27.270
Serie 55

Nome Manoel Ezequiel do Amaral
Filiação José Casarício do Amaral, D. Maria
Victória do Amaral. Falecido.
Idade 38 anos

Data do Nascimento 10 / 4 / 1903 Nacionalidade Brasileira
Lugar do Nascimento São Estevão, Ilhéus, Bahia
Residência Usina Dom João

Data de admissão ao serviço 2 / 1 / 42 Categoria e ocupação habitual Administrador Geral Salário 300k

Forma de Pagamento Quinzenal Nomes dos beneficiários D. Maria Amélia do Amaral, Manoel,
Leocádia, Lídia, Antônio Carlos, Kelly, Dinácia,
Verônica, Dalva, e Lourdes Maria do Amaral.

Assinatura do empregado Manoel Ezequiel do Amaral
B. P. Rodolpho Tourinho & Cia.

Assinatura do empregador Paulo de Sá

Data 2 / 1 / 42 Data da dispensa 27 de Outubro de 1955

Fólio do livro de anotações

O administrador geral era o responsável pelo comando e fiscalização de todas as propriedades agrícolas da Usina: Marapé, Macaco, São José, Engenho Novo e outras. Dos oito filhos que teve na Usina Dom João, cinco passaram a trabalhar a partir da adolescência na Usina, inicialmente como “aprendizes”. Dos cinco filhos, localizamos e entrevistamos dois: Nequinha do Amaral e Zilar do Amaral.

Manoel Ezequiel do Amaral Júnior, conhecido popularmente como Nequinha do Amaral, filho mais velho de Manoel Ezequiel do Amaral, nasceu em 1924, em Paramirim, distrito de São Francisco do Conde. Nequinha nos contou que:


Começou a trabalhar aos 14 anos, pesando cana. A cana era cortada no campo trazida pelos animais pelos carros de boi na época trazia pra a gente pesar. Colocava porque tinha a linha férrea. Toda usina tinha uma linha férrea. Colocava nos pontos e locomotiva pegava pra usina moer e no período do dia os burros e os carros de boi apanhava as canas no campo e colocava nos pontos. Pontos da estrada de ferro¹¹⁰.

Na ficha de registro de Nequinha, consta que o mesmo foi admitido na empresa em 1942 (o mesmo ano da admissão de seu pai), aos 18 anos, na função de auxiliar de escritório. Anos depois, seu pai se aposentou e Nequinha tornou-se seu sucessor, ocupando o cargo de administrador geral.

¹¹⁰ Depoimento de Manoel Ezequiel do Amaral Júnior. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de julho de 2005.

Figura 14. Ficha de registro de Manoel Ezequiel do Amaral Júnior “Nequinha do Amaral”. Usina Dom João (1942).

Colônia de Bastos



REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de Ordem 162 N.º da Carteira Profissional 27.277.955

Serie _____

Nome Manoel Ezequiel do Amaral Junior

Filiação Manoel Ezequiel do Amaral e Maria America do Amaral

Idade 17 anos

Data do Nascimento 15 / 11 / 24 Nacionalidade Brasileira

Local do Nascimento Arraial de Paramirim

Residência Usina D. João

Data de admissão ao serviço ^{*depo 10 / 10 / 37*} 13 / 7 / 42 Categoria e ocupação habitual caixa - *com out-44* Auxiliar de Escritório Salário 120.000

Forma de Pagamento Quizenal Nomes dos beneficiários Maria America do Amaral

Assinatura do empregado Manoel Ezequiel do Amaral Junior
SOCIEDADE ANONIMA TOURINHO, Agricola e Industrial

Assinatura do empregador Frederico Galvão Tourinho
Emp. Ger.

Data 10 / 10 / 37 Data da dispensa de de de

Folia do livro de anotações _____

Zilar do Amaral nasceu em 1927. Foi admitida em setembro de 1945, na função de “datilógrafa”, e nos contou:

Eu comecei a trabalhar com meus 17 a 18 anos. Eu fazia fichas. Eu fazia os serviços de escritório, era cartas, essas coisas. Eu era copista. Eu era filha do administrador geral. Manoel Ezequiel do Amaral. Meu pai¹¹¹.

Figura 15. Ficha de registro de Zilar do Amaral, datilógrafa. Usina Dom João (1945).

09

REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de Ordem 289 N.º da Carteira Profissional.....
Serie.....

Nome Zilar do Amaral
Filiação Manoel Ezequiel Amaral, M.ª Amélia Amaral
Idade 18 anos
Data do Nascimento 9/7/1927 Nacionalidade Brasileira
Lugar do Nascimento Guamirim
Residência Dom João
Data de admissão ao serviço 1.º/ Setembro/ 45 Categoria e ocupação habitual Datilógrafa Salário 240,00
Forma de Pagamento Mensal Nomes dos beneficiários.....

Assinatura do empregado Zilar do Amaral
Data 1.º/ 9/ 45 Data da dispensa 31/ Outubro/ 1945
Dom João 1 de Setembro de 1945

Folio do livro de anotações.....

S/A Tourinho Agrícola e Industrial
Frederico Galvão Tourinho
Diretor
ASSINATURA DO EMPREGADOR T. N. 12144

¹¹¹ Depoimento de Zilar do Amaral. São Francisco do Conde, Bahia, 06 de abril de 2004.

Os depoimentos de Nequinha e Zilar do Amaral, juntamente com as fichas de registro de empregados, colaboraram mutuamente para recompor parte das suas trajetórias. A inserção de ambos no mundo do trabalho se deu na adolescência. Nequinha aos 14 anos pesando cana, e Zilar aos 18 anos como “datilógrafa” no escritório.

Os filhos dos operários, ou seja, trabalhadores dos setores administrativo, industrial e de transportes, eram inseridos no mundo do trabalho açucareiro como “aprendizes”. Evidenciamos, assim, que parte da força de trabalho utilizada pela Usina, advinha do treinamento e recrutamento dos próprios filhos dos trabalhadores. Assim, é possível afirmar que a Usina formava e qualificava parte dos seus trabalhadores. Quanto às funções ocupadas por Nequinha e Zilar, o fato de serem filhos de um trabalhador de função hierárquica superior permitiu que ambos iniciassem sua vida produtiva em funções privilegiadas – menos cansativas e mais protegidas - diferentemente dos trabalhadores do campo, que iniciavam suas atividades ainda na infância, e em condições adversas de trabalho, como veremos mais adiante.

Outra trajetória reveladora foi a de Raimunda Negreiro, que nasceu em 1947, na Usina Dom João. Aos quinze anos começou a trabalhar na Usina, no setor do escritório:

Meu pai trabalhava de serralheiro. Cristhovam Negreiro. Eu entrei com 15 anos. Foi meu pai que pediu aos donos. Ele pediu pra me deixar ir aprendendo alguma coisa sem receber nada. Aí eles me davam 20 cruzeiros por quinzena na folhinha até completar a idade pra tirar a carteira. Quando completei 18 anos de idade, eles me mandaram pra Salvador pra tirar a carteira e eles assinaram. Eu pegava sete da manhã, arriava meio dia. Chegava duas horas, aí arriava cinco. Muitas vezes fazia, eu ficava lá por outros motivos. Ficava na usina até tarde (...). Eu parei de estudar na 5ª série. Eu não sei, meus pais não tinham condições de me mandar pra outro lugar pra estudar. Você sabe que o ganho de usina sempre foi ganho curto. Minha mãe tinha muitos filhos, 14 filhos. Era uma escadinha um atrás do outro. Minha mãe lavava muita roupa pra ajudar meu pai a criar a gente. Minha mãe trabalhou pra Otávio Tourinho, que é marido de Elza.

Eu fazia as folhas de pagamentos das propriedades, das fazendas. Eu fazia as folhas dos lugares porque tinha o administrador e tinha o feitor. O feitor era quem levava as diárias com o nome do pessoal pra passar pra folha de pagamento, todos os dias ele fazia isso. Tinha que ir no escritório entregar aquela diária e gente passava pra folha, na quinzena somava ali dia por dia¹¹².


O pai de Raimunda, Cristhovam Negreiros, nascido em 1916, natural do município de Maragojipe, localizado na Bahia, trabalhou na Usina Santa Elisa, na função de serralheiro. Em 1941, Cristhovam casou-se com Maria Izaura, e neste mesmo ano, se deslocou da Usina Elisa em direção à Usina Dom João. Do casamento com Maria Izaura teve 14 filhos. Todos os seus filhos nasceram na Dom João. A impossibilidade de sustentar uma família numerosa com o baixo salário que recebia, levou Cristhovam a inserir parte de sua prole no trabalho açucareiro.

Raimunda e mais cinco dos seus irmãos trabalharam na Usina. Sua mãe, Izaura Negreiros, lavava as roupas de um dos filhos do coronel Tourinho, para ajudar no orçamento doméstico. Raimunda Negreiros, é, dessa forma, mais um exemplo da inserção no mundo trabalho como aprendiz e é mais um exemplo de reprodução da mão-de-obra no mundo da Usina.

¹¹² Depoimento de Raimunda Negreiros. Santo Amaro, Bahia, 14 de abril de 2004.

Figura 16. Ficha de registro de Cristhovam Negreiros. Usina Dom João (1941).

Edilvin de Bastos



REGISTRO DE EMPREGADOS

N.º de Ordem 103 N.º da Carteira Profissional 41890
Serie 05

leiro

Nome Christovam Negreiros

Filiação Evaristo Negreiros e D. Leandra Negreiros

Idade 25 anos

Data do Nascimento 9 / 1ª / 1916 Nacionalidade Brasileiro

Lugar do Nascimento Ribeira, Maragogipe - Estado da Bahia

Residência Usina Dom João

Data de admissão ao serviço 2 / 1ª / 1941 Categoria e ocupação habitual Machinista Salário 4\$400 por dia

Forma de Pagamento quinzenal Nomes dos beneficiários Leandra Negreiros, Lucia, Francisca, Maria Conceição, Antonio e Bartholomeu Negreiros.

Assinatura do empregado *Christovam Negreiros*
p. p. Rodolpho Tourinho & Cia.

Assinatura do empregador *Rodolpho Tourinho & Cia.*

Data 2 / 1ª / 1941 Data da dispensa de de de

Figura 17. Raimunda Negreiros, auxiliar de escritório. Usina Dom João (1962).

Nº 1392





Nome Maria Raimunda Negreiros

Filiação { Pai Cristovam Negreiros
Mãe Izaura Camara Negreiros

Carteiras { Profissional N. 52863 Série 16
Instituto I. A. P. I N.
Reservista N. Série Categoria
Estrangeiro

Sindicato a que pertence Matricula n.

Estado Civil solteira Instrução Idade 15 anos

Data do nascimento 14 de outubro 1947 Nacionalidade Brasileira

Lugar do nascimento Dom João

Residência Data da admissão 06 / 03 / 1962

Quando estrangeiro: { Data que chegou / / É naturalizado?
É casado com brasileira? Tem filhos brasileiros?

Categoria e ocupação habitual Aux. de Escrita Salário

Para trabalhar das 7 às 16 horas, com o intervalo de 1 horas para refeição e descanso, e aos sábados das 7 às 16 horas; num total de horas semanais.

Fôrma de pagamento mensal Nome dos beneficiários

Assinatura do empregado Maria Raimunda Negreiros

Data / /

Data da dispensa 29 / 04 / 89

Fólio do livro de anotações

Obs: CP apresentada em 22.10.65;

As trajetórias das famílias de Negreiros e Amaral nos permitem tecer algumas considerações. No interior da Usina havia uma reprodução da força de trabalho e os filhos, por iniciativa do chefe de família e por uma multiplicidade de outros fatores (família numerosa, salário insuficiente), inseriam-se no trabalho na infância ou na adolescência. Inicialmente, a Usina aproveitava a mão-de-obra dos filhos desses trabalhadores como “aprendizes”, como foi relatado por Raimunda, que afirmou que seu pai “pediu aos donos”, pra ela ir “aprendendo alguma coisa sem receber nada”.

Percebemos que a Usina formava e qualificava trabalhadores desde a adolescência, como se fosse um favor. Raimunda Negreiros, Nequinha Amaral e Zilar do Amaral são filhos de ex-trabalhadores da Usina, e no interior desse processo eles se apropriaram e deram continuidade ao modelo no qual estavam inseridos: casar e ter filhos, que provavelmente trabalhariam também na própria Usina. Zilar, Nequinha e Raimunda casaram-se na Usina. Essas evidências demonstram que a constituição de famílias na empresa era comum, o que evidencia, mais uma vez, como as esferas pessoal e profissional estavam entrelaçadas na vida desses trabalhadores.

Ressaltamos também que esta era uma prática que se sucedia desde o período em que funcionavam os engenhos de açúcar do Recôncavo, e vigorava o trabalho escravo. Walter Fraga ao levantar as trajetórias de homens e mulheres que viveram nos últimos anos da escravidão e nos primeiros anos da abolição nos diversos engenhos de açúcar do Recôncavo baiano, identificou que grande parte dessa população, formada por escravos e libertos, pertencia a grupos familiares estabelecidos há algum tempo nas propriedades de produção açucareira. Fraga localizou a existência de duas ou três gerações de uma mesma família residindo e trabalhando juntas. O historiador ressaltou

“que muitas dessas famílias estavam inseridas em redes extensas de parentesco consangüíneos e rituais formando a base de sólidas comunidades”¹¹³.

Neste trabalho, não colocamos como objetivo comparar o trabalho escravo dos mundos dos engenhos ao trabalho livre no interior das usinas, porém, como forma de enriquecer a análise proposta, julgamos necessário, neste momento, fazer referências a alguns costumes presentes nos engenhos, que verificamos no mundo do trabalho livre das usinas.

Conforme mencionamos o uso da mão-de-obra familiar era uma prática comum desde o funcionamento dos engenhos de açúcar do Recôncavo. O uso do trabalho familiar era comum também em outras partes do Brasil¹¹⁴.

Nas propriedades agrícolas da usina Dom João, localizamos e demonstramos também a existência de gerações de famílias morando e trabalhando juntas. Entretanto, havia uma diferenciação de inserção no mundo do trabalho açucareiro entre o operário e o trabalhador da lavoura, como veremos a seguir.

Trabalho infantil: os meninos que “chamavam boi” e os “aprendizes”

Conforme mencionamos grande parte dos trabalhadores nasceu na Usina, ou para ela migrou ainda criança. Tanto os que nasceram, quanto os que migraram, iniciaram suas atividades na infância ou na adolescência. Entretanto, havia uma diferença de inserção na vida produtiva entre o filho ou neto de um trabalhador do

¹¹³ Fraga Filho, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia, 1870-1910*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, p. 27-28.

¹¹⁴ Para saber mais sobre o trabalho de familiar ver José Sérgio Leite Lopes, *A tecelagem dos conflitos nas cidades das chaminés*. São Paulo Marco Zero, 1998; Rosilene Alvim, *A sedução da cidade. Os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997; Hebe Matos e Ana Lugão Rios, *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Trabalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

campo e entre um filho ou parente de um operário do setor industrial, do setor de transportes ou do setor administrativo da Usina.

“Chamar boi” era a primeira atividade exercida para aqueles que nasceram ou cresceram numa família de trabalhadores do campo. Geralmente todo trabalhador rural iniciava suas atividades chamando boi. Além disso, podiam desenvolver outras atividades como semear cana, limpar o canavial, etc. Na Usina e suas fazendas, o boi era um animal muito importante, porque além de servir para alimentação, era largamente utilizado como um veículo para transportar as canas. A importância desse animal era tal, que na Usina ou em suas fazendas, podia haver até dois carreiros responsáveis pelos bois, ou seja:

Dependendo do tamanho da fazenda podia ter dois feitores. A maioria tinha um feitor e um vaqueiro. O vaqueiro cuidava de animais – o gado. Porque as fazendas naquele tempo tinha carro de boi. Tinha muitos bois que a gente chamava naquele tempo “boi de brocha” que é o boi de carro que puxava os carros¹¹⁵.

“Chamar boi” é o termo utilizado pela maioria dos ex-trabalhadores entrevistados, e era a primeira atividade desenvolvida pela maioria dos trabalhadores do campo. Geralmente os meninos começavam a chamar boi entre nove e dez anos de idade. Além disso, os meninos ajudavam o pai, avô ou responsável nas tarefas do campo:

Há muitos anos que eu comecei a trabalhar. Com a idade de 10 anos eu já tava trabalhando na Dom João, com 10 anos, do tamanho desses meninos assim. Eu ia arrastar as sementes nas costas por lado de fora. Hoje que os meninos têm boa vida rapaz, naquele tempo ninguém tinha boa vida não. Era pra ajudar meu pai. Olha, quando eu não dava pra ir pegar as enxadas, meu pai ia plantar cana, eu ia semear a cana, pra ele cobrir os buracos e colocar as canas, entendeu? Aí, pronto. Quando eu acabava de semear, aí ele cobria¹¹⁶.

¹¹⁵ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

¹¹⁶ Depoimento de Walfredo Chaves. São Francisco do Conde, Bahia, 14 de julho de 2004.

Vê-se que os meninos podiam exercer diversas atividades no campo. Porém, “chamar boi” foi a atividade que mais os trabalhadores lembraram. Essa atividade marcou a memória do grupo, principalmente daqueles que começaram a trabalhar desde a infância.

“Chamar boi” era a atividade desenvolvida exclusivamente por crianças ou pré-adolescentes do sexo masculino. Consistia no seguinte: um menino ia à frente, guiando os bois com uma varinha de madeira, enquanto o carreiro ia observando e orientado. Os bois transportavam canas para serem pesadas e levadas à fábrica para moagem. O percurso variava, pois dependia da distância entre a lavoura e a sede da Usina. Assim, as propriedades agrícolas, como o Engenho Macaco, Marapé, Fazenda Quincengo, Fazenda Engenho Novo e outras, produziam cana, e estas, após serem pesadas na balança da área de origem, eram empilhadas no lombo do boi e direcionadas para a Usina a fim de serem moídas.

Os meninos acordavam muito cedo, comiam pouco e logo iam guiar o boi no transporte da cana. Entretanto, um ponto importante a ser ressaltado, são as histórias de maus tratos, ofensas verbais e psicológicas, afora os castigos físicos que muitos meninos recebiam da maioria dos carreiros.

“Chamar boi” causava constrangimento aos meninos, visto que era uma atividade considerada inferior, e por isso muitos tentavam se afastar dela e diversos relatos mencionam os maus tratos que os meninos que chamavam boi recebiam dos carreiros. Vejamos.

Angelino Ribeiro, com 70 anos na época da entrevista, nasceu e trabalhou no Engenho Santo Antonio do Rio das Pedras, conhecido popularmente como Engenho Macaco, uma das fazendas de cana pertencente à Usina Dom João. Seu pai, Evaristo da

Veiga, exerceu a função de cerqueiro¹¹⁷, e inseriu a prole no trabalho de campo. Apesar de não estudar na infância, e por causa disso não saber ler nem escrever, Angelino, na faixa etária dos vinte anos, frequentou o curso Mobral. O curso permitiu reconhecer algumas letras do alfabeto, como afirmou: *“eu sei “mamente” algumas letras, alguns nome que eu tiro assim”*.

Angelino trabalhou durante toda sua vida produtiva no campo, até se aposentar. Foi inserido no mundo do trabalho açucareiro através do pai, e iniciou suas atividades no campo como muitos meninos de sua época: chamando boi. No seu depoimento, Angelino rememorou momentos de sua infância, marcada pela escassez de alimentos e pelos maus tratos dispensados pelos carreiros:

- O senhor lembra com qual idade começou a trabalhar na Dom João?
- Quando eu comecei a trabalhar na usina Dom João foi chamando boi na idade de meus 10 anos. Comecei chamar boi a gente guiava o boi, [...] levar a cana pra balança quando não era assim, era chamando terriçoca.
- Terriçoca? O que é isso?
- É um boi na hora que corta cana, então a gente ficava ali com uma junta de boi e um guiando e os outros atrás carreando boi, e o outro no arado.
- Quando o senhor começou a trabalhar com 10 anos de idade, como era?
- Isso aí era muito perigoso que a gente levantava de madrugada pra ir juntar boi. Mais ou menos quatro horas, cinco horas antes do dia amanhecer. Muitas vezes nem café tomava que nas casa da gente as comidas era bem pouca, a gente saía até com fome e levava farinha seca enrolada num paninho, pra comer quando tava puxando o boi. Quando leva carne seca, mas quando não tinha levava farinha seca, pura. Olhe moça se a gente for contar os casos de antigamente! Olhe eu passei até fome na junta de boi de dá tontice e cair. No trabalho. Teve um dos carreiros que quando eu fui trabalhar com ele disse que tinha tanta pena de mim, era que sempre me dava comida, ele levava assim uma lata deste tamanho cheia de comida, ele dividia comigo e eu comia junto com ele, com esse aí eu passava bem porque ele sempre me ajudava, mas os outros não, com os outros eu só achava porrada.

¹¹⁷ O trabalho de cerqueiro consistia em fazer e recuperar as cercas.

- Eu não entendi quando o senhor falou de “porrada”. Quem era que tomava “porrada”?
 - Acontece a gente, quando que eles mandava fazer as coisas, que a gente enjoava pra não fazer aquilo, empombava pra não fazer as coisas, então ele batia na gente.
 - Quem batia?
 - Os carreiros.
 - Então, se fizesse alguma má criação eles batiam?
 - Exatamente, eles batia. Exatamente na hora que eu fui crescendo que já fiquei numa idade que eu podia dá um sumiço na minha vida, eu disse na cara de um carreiro: “Olhe, eu chamei boi até hoje!”. E eu já tava com um facão deste tamanho assim na cintura enrolado num papel. Eu cheguei peguei a vara. Peguei o facão na cintura, cortei a vara todinha em pedacinho e [...] joguei fora, e disse: “Eu só chamei boi até hoje, de hoje em diante eu já não chamo mais”. Aí fui trabalhar no campo, fui trabalhar fazendo qualquer serviço pelo campo, depois comecei a trabalhar de ajudante de pedreiro, fui trabalhando, trabalhando. Depois me aborreci nesse serviço, aí saltei e disso aí, comecei a trabalhar em ferramenta também, e isso me sair.
 - Então, o senhor apanhava dos carreiros?
 - Eles batia na gente, muitas vezes eles rumavam até pé de vara nas costas da gente. Quando não era assim, eles puxava até de facão como cana mesmo, pra rumar cana na gente, pra a gente trabalhar.
 - Já chegou acontecer algum vez deles baterem nos meninos e machucar, ferir?
 - Não. Acontece que eles fazia esses problemas assim, mas não chegava a tirar sangue não, porque se tirasse sangue também, naquele tempo era tempo de atrasado mas chegava ao conhecimento de polícia, então eles não fazia, não chegava a tirar sangue não. Só fazia bater e quisesse lá que ficasse com o sangue preso.
- Exatamente, aí foi quando eu passei a entender mesmo, aí então, eu larguei e cortei a vara. Bom, aí agora, quando eu larguei muitos ficaram trabalhando ainda, larguei porque eu fui trabalhar num outro serviço, fui trabalhar num outro tipo de serviço, também larguei e nunca mais olhei pro (...) de cana¹¹⁸.

O depoimento de Angelino Ribeiro é uma fonte riquíssima para conhecermos o cotidiano de muitos meninos que começaram sua vida chamando boi. Como outros meninos do seu tempo, Angelino começou a trabalhar desde a infância, aos 10 anos de idade, e sofreu castigos físicos e agressões verbais do carreiro. Vê-se que o tratamento dispensado a Angelino pelo carreiro gerou um conflito entre ambos. Angelino recusou

¹¹⁸ Depoimento de Angelino Ribeiro. São Francisco do Conde, Bahia, 27 de julho de 2004.

a continuar a chamar boi, como ele mesmo mencionou: “*Olhe, eu chamei boi até hoje*”, e assim começou um enfrentamento direto com o carreiro. O resultado desse conflito foi o abandono da atividade de chamar boi por Angelino.

Esse episódio de conflito entre Angelino e o carreiro permite tecer algumas considerações. O enfrentamento foi fruto de uma situação que perdurava há tempo, isto porque várias foram as vezes que o menino era maltratado pelo carreiro. Tudo indica que num momento de saturação, reagiu, e decidiu nunca mais chamar boi e se sujeitar aos castigos físicos e verbais. Acreditamos que nesse momento de saturação, Angelino resistiu às ordens do carreiro e o enfrentou abertamente. A atitude de Angelino demonstra que o carreiro havia perdido o controle sobre ele, e que esta forma de controle tradicional já não cabia mais.

A atitude de Angelino indica também que noções do que era justo ou injusto, do que era aceitável ou inaceitável, num determinado momento, permearam sua conduta, e essas noções o levaram a enfrentar o mando do carreiro, e abandonar o trabalho com o boi, e, assim, a buscar uma alternativa de que lhe oferecesse respeito e melhor tratamento¹¹⁹.

Outro trabalhador que vivenciou a experiência do trabalho infantil foi Agnelo Majestade, que nasceu em 1922 na Fazenda Quincengo, uma das propriedades agrícolas da Usina Dom João. Seu pai, Antonio de Jesus Arcanjo, trabalhou na Usina, inicialmente como balancista, sendo que, posteriormente, passou a ser administrador de campo.

Agnelo começou a trabalhar desde criança. Aos 10 anos já era um trabalhador rural: fazia limpeza nos campos e guiava burros de propriedade de seu pai. Fez questão

¹¹⁹ Noções do que é justo/injusto e aceitável/não aceitável permearam as escolhas e condutas de libertos dos engenhos de açúcar no Recôncavo da Bahia depois de abolida a escravidão, em 1888. Portanto, essa análise foi baseada em Walter Fraga Filho, *Encruzilhadas da Liberdade: histórias e trajetórias de escravos de libertos na Bahia, 1870-1910*. São Paulo: Unicamp. Tese de Doutorado, 2004.

de mencionar que não chamava boi: *"Eu não chamei boi não. Eu trabalhei com burro"*, o que evidencia uma atitude de tentar afastar-se de um tipo de trabalho considerado inferior e constrangedor na Usina. Em 1940, aos 21 anos de idade, assumiu o cargo de administrador, numa das propriedades agrícolas da Usina, e nos contou que:

Eu passei a administrador da Quincengo. Nessa época só a propriedade Quincengo. Mas fiquei como apontador de Engenho Novo. Fiquei acumulando as duas funções. A de apontador do Engenho Novo e a de administrador da Quincengo. Aí eu fazia o serviço de Engenho Novo, folhas de pagamento do Quincengo e do Engenho Novo. Só não fazia o serviço de balancista porque não podia estar lá na balança pesando cana¹²⁰.

Segundo o depoente, apontador era a pessoa encarregada de fazer anotações do cotidiano do serviço, tais como horário de entrada e saída dos funcionários. Era uma função que exigia algumas qualificações do trabalhador, como saber ler e escrever. A experiência de Agnelo é uma amostra da situação de muitos meninos que tiveram sua infância marcada pelo trabalho infantil no mundo do trabalho açucareiro. Agnelo nos contou, ainda uma importante atitude sua em prol dos meninos que chamavam boi.

Vejamos:

- O senhor começou a trabalhar chamando boi?
- Eu não chamei boi, não. Eu trabalhei com burro. Vou lhe contar uma: quando eu passei a ser administrador meu primeiro ato foi tirar menino de chamar boi. (...) Menino era pra ir pra escola. Era até aquela indignação que eu tinha de não ter ficado na escola. Passei a botar pra carrear dois homens. (...). Aí passou a trabalhar nessa junta de boi, os dois irmãos Manoel Jorge e José Moura, dois homens. E os carreiros todos lá passou a trabalhar com dois homens. Às vezes o moço de boi não era ainda um homão feito, mas que já era maior, já tinha 18 anos. Meninos eu tirei todos de chamar boi.
- Isso aconteceu na propriedade que o Sr. administrava ou em todas as propriedades da usina?

¹²⁰ Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

- Não. Isso foi na fazenda que eu trabalhava. Na fazenda Quincengo que eu trabalhei como administrador.

- E os donos souberam disso?

- Perfeitamente, eles entrarão na folha. (folha de pagamento).

- O proprietário da usina não se opôs?

- Não. Porque eu tive um argumento. Eles perguntaram: ‘Porque dois homens chamando boi?’. Eu respondi: ‘Porque lá a nossa propriedade é distante do ponto e pra que se possa atender a produção tinha que botar dois homens porque o menino pequeno é difícil puxar o carro sozinho. Porque o menino demora muito, é lento. E aí atrasa a produção’, essa foi minha resposta. E eu continuava: ‘Com criança menor ainda, às vezes subnutrida que levava uma mochilinha com farinha e um pedacinho de carne. Levava farinha pra comer. Menino fraco, né? E dois homens levava o carro com mais peso e atendia as necessidades da tarefa fixada ou pré-fixada. As tarefas são pré-fixadas, por exemplo: o tabuleiro do cara dava seis viagens, o tabuleiro do cara dava duas viagens, mais distante e com o menino não dava tempo. As tarefas sempre foram pré-fixadas ou fixadas, tá entendendo? por causa da distancia. Então, o meu argumento era esse.

- Por que o senhor resolveu tirar os meninos de chamar boi?

- Porque era penoso você ver uma criança cinco horas da manhã, ou antes, trabalhar. Menino de sete anos, oito anos em diante, coitado de manhã cedo, coitado.

Ele [o menino] ia na frente com a varinha e uma carga que o carreiro devia levar, que era mais forte, que era um homem, era a criança que levava até a balança. O peso quem carregava era uma criança sozinha. Era uma base de mais de 5, 6 quilos de peso nas costas. Aí, eu sentia porque eu via que aquela criança era pra estar na escola. Eu que fui privado de ir à escola.

Era também aquele aborrecimento porque era uma idade escolar. Aí a gente (Agnelo) deixou de fazer aquilo (deixou de estudar). Sentia também a revolta, compreendeu?¹²¹.

O relato de Agnelo nos reitera as duras condições a que os meninos estavam submetidos. Entretanto, o que nos chamou a atenção do depoimento, foi a atitude de abolir o trabalho infantil com boi na propriedade que administrava. Agnelo, assim como Angelino, tinha noção do era justo e injusto, e talvez esse fosse o real motivo para tirar os meninos de chamar boi.

Com esta atitude Agnelo rompeu com as formas tradicionais de emprego da mão de obra, principalmente com agressões físicas e xingamentos. Assumi, assim,

¹²¹ Depoimento Agnelo de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

uma postura de mediador entre os jovens trabalhadores e o proprietário da Usina. A atitude do administrador Agnelo ao dar um “jeitinho”, diante dos patrões, para abolir o trabalho dos meninos que chamavam boi, foi a estratégia que utilizou para por fim ao exercício de uma atividade que provavelmente gerou traumas e marcas em sua vida.

A memória de Agnelo foi marcada pelas lembranças ruins do trabalho infantil no campo, daí a atitude em enfatizar que não trabalhou com boi e sim com burro. Histórias de perversidade praticadas pelos carreiros contra os meninos foram presenciadas e narradas pelo depoente quando este exercia a função de administrador. Vejamos mais um pouco histórias de abusos praticados contra os trabalhadores infante/juvenil:

- Eu ouvi relatos que os meninos que chamavam boi apanhavam dos carreiros.

- Tinha carreiros que batia e xingava: “Bota aqui moleque! Descarado! Filho da puta!”. Jogava o menino dentro da “malícia”, do espinho. Eles tinha que entrar na “malícia”, no espinho. Pra guiar no espinho. Que o boi se habituava tanto com o guia que acompanhava o guia pra onde ele fosse que quando ficava sem o guia, ficava aéreo, não sabia pra onde ir. E tinha carreiros estúpidos. Tinha carreiros também educados que tinha pena das crianças, mas tinha carreiros estúpidos, muito estúpidos, muito.

- Maltratavam muitos os meninos? O senhor já presenciou?

- Demais! Oxente, se eu trabalhava no ramo.

- Qual foi uma cena assim que o senhor já presenciou?

- Era comum. Eu sempre reclamava

- Se o Sr., na função de administrador, presenciasse um carreiro maltratando um menino interferia?

- Se fosse de minha ossada. Ninguém ia se envolver na vida dos outros não.

- Havia agressão com os meninos a ponto de ferir?

- Não. Eles só xingavam, maltratavam, jogavam dentro do espinho que era uma espécie de tortura também, né? Se eu sei que aquilo ali é um perigo e eu forço a você eu tô lhe torturando. Tô obrigando você a fazer uma coisa que não devia que maltrata que pode levar ao perigo e etc.

A criança era um guia de boi, ela era um guia. O boi tinha que ir por aqui. O carro tem que passar ali pra pegar uma carga, uma coisa. (...) ‘vamos por aqui’, mas ali tinha um obstáculo. Mas ele (o carreiro) queria que a criança fosse que passasse aquele obstáculo pra levar o boi pra lá. Ele (o carreiro) devia procurar outro meio

pra evitar que a criança tivesse que fazer aquilo. Mas esse obstáculo poderia ser o que? Ser evitado.

No campo não havia uma estrada de rodagem, uma rua calçada. Você sabe como é o que é um campo? Cheio de mato, etc. Tinha mato que tinha essa variedade de espinho, uma porção de coisa, ponta de pau, essas coisas todas que precisa ter um pouco de cuidado, né?

Os meninos andavam com uma sandália feita com couro de boi. De couro de boi quando não era de pés, descalço. Muitas vezes andava a pé mesmo. Quase todo mundo andava com os pés (descalços) também. Carreiro andava com os pés (descalços). Também tinha alguns que andava com sandália de couro de boi também. Mas a maioria também andava com o pezão no chão. Quantas vezes eu andei com pés no chão.

- Quando o Sr. trabalhou menino, como condutor de burro, já chegou a receber maus-tratos, a apanhar, ser xingado pelos carreiros?

- Não. Eu trabalhava com burro próprio. Os burros era de meu pai. A gente tinha junta de burro, carro de burro, mas eu nunca chamei boi. Trabalhar com burro é botar cangalha no burro, botar o gancho, chegar no palheiro encher de cana, amarrar e sair tangendo o burro pra balança. Levando o burro carregado (com canas). Aí você vai a pé atrás do burro quando você descarrega, chega no ponto que descarrega aquela carga, você monta na cangalha e vai novamente carregar o burro, mas você vai montando [em cima do burro], mas quando o vem carregado você vem a pé, vem atrás¹²².

O relato de Agnelo é muito interessante, pois revela como os maus tratos afetavam o cotidiano dos meninos que trabalhavam com bois. Além disso, reitera as histórias de crueldades praticadas no interior de uma Usina, num contexto de trabalho livre, contra trabalhadores considerados inferiores, que nesse caso, eram os meninos. Pelo depoimento vimos que os meninos recebiam xingamentos, como “descarados”, “filhos da puta”, e eram praticamente torturados, pois eram obrigados em alguns momentos, a passar por caminhos onde havia espinhos e pedregulhos que os feriam. Vimos também, que, nem todos carreiros eram perversos. Havia aqueles que até “ficavam com pena” e tratavam os meninos como se fossem filhos. Agnelo não

¹²² Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.